

ANOS DOURADOS DO VELHO CASARÃO DA SARMENTO

Fernando A. Lucchese

O ritmo lento e monótono do respirador artificial imprimia um ar de lassidão à imensa sala. O tórax estava aberto e nos esforçávamos por introduzir as cânulas no coração, com as quais seria iniciada a circulação extracorpórea. Um radinho de pilha pendurado no suporte de soro exalava um "blue" interminável, quase tão longo quanto a cirurgia. O coração batia em ritmo acelerado reagindo a nossa intromissão. Jung registrava compulsivamente os sinais vitais na ficha anestésica. Naquele momento, eu não imaginava que o veria fazer o mesmo, diariamente, nos trinta anos seguintes. Havia gravidade nos nossos olhares e um silêncio quase sólido, pairava no ar. Finalmente, a circulação extracorpórea, o coração aberto, a visualização de suas cavidades internas, o momento quase místico de ver o coração parado em nossas mãos abrindo-nos seus segredos. E, minutos mais tarde, após o estímulo de um choque, o retorno à vida, ao movimento. Eu também não imaginava que nos 30, talvez 40 anos que se seguiriam, eu seria testemunha diária daquele encantamento, daquele momento quase mágico de retorno ao batimento cardíaco após a correção dos seus defeitos. A monotonia foi quebrada com o anúncio de uma edição extraordinária do Repórter Esso, no radinho de pilha. Ficamos siderados. Um certo Christian Barnard, da África do Sul, terminara de realizar, com sucesso, o primeiro transplante cardíaco da história. O paciente, Louis Wachansky, passava bem.

Nossa excitação não tinha limites. Mal conseguimos terminar nossa cirurgia. Era novembro de 1967, e aquele imenso salão, com inúmeras mesas de experimentação animal, situava-se no Instituto de Fisiologia Experimental, no 2º andar do velho prédio da Sarmento Leite. Nós éramos alunos do 2º ano da Faculdade de Medicina. E o paciente era um grande amigo, com quem muito aprendemos na época e a quem sempre respeitamos: o cão!

Iniciáramos nosso projeto no ano anterior, já na Anatomia, no 1º ano da Faculdade de Medicina. Quando dissemos ao Prof. Tauphick Saadi que queríamos fazer circulação extracorpórea em cães, ele não riu. Perguntou-nos sobre a máquina coração-pulmão. Mostramos o protótipo que havíamos construído na oficina mecânica de um parente. Prof. Tauphick era um homem sábio, afeito a acompanhar os primeiros passos da vocação médica de inúmeros jovens. Além de levar-nos a sério, fez muito mais: ensinou-nos a abrir o tórax dos cães. Ele era cirurgião renomado. Em dupla com o Prof. José Carlos Milano, havia feito inúmeras cirurgias pioneiras no estado, uma delas a oclusão de um canal arterial persistente. Na última mesa do canto, à direita de quem entra na sala 2 de anatomia, durante algumas noites, fomos guiados por ele na nossa aproximação do coração. Estávamos todos lá, atentos a seus ensinamentos, deliciados com seu senso de humor, envolvidos pelo seu sorriso contínuo. Um dia, ele nos convidou a acompanhá-lo ao Prof. Peri Riet Correa. Encontramos um homem sisudo, de pouco riso, mas extremamente motivado por idéias novas. Saadi entregou-nos para Riet, pois via mais possibilidades no desenvolvimento do nosso projeto com os recursos do Instituto de

Fisiologia. Abriu-nos o caminho para Riet, considerado, na época, um homem difícil. Então tivemos uma grande surpresa. Prof. Riet demonstrou enorme sensibilidade e guiou-nos passo a passo pelos caminhos da iniciação científica. Devemos a ele o culto à disciplina, o respeito ao método, a compulsividade pelo trabalho. Destinou-nos área de seu laboratório, equipamentos de ventilação animal, monitores. Exigiu-nos organização e limpeza. Ensinou-nos os princípios básicos do projeto de pesquisa. Conduziu-nos ao Conselho de Pesquisas da UFRGS e depois à FAPERGS, onde, pelas mãos do Prof. Sílvio Torres, recebemos as primeiras bolsas de iniciação científica e os auxílios necessários para construirmos nossos equipamentos. De novo, não imaginávamos, na época, que um de nós chegaria à presidência da FAPERGS anos mais tarde.

Nossa motivação sem limites e entusiasmo juvenil não permitia que passássemos os fins de semana, únicos momentos livres dos compromissos da Faculdade, longe de nossa Fisiologia, de nossa imensa sala de cirurgia experimental. De lá, ouvíamos restos da música das reuniões dançantes do Centro Acadêmico. E suportávamos algumas gozações dos colegas prioritariamente engajados nas conquistas dos sábados à noite. Só nós sabemos quantos fins de semana passamos às voltas com nossos cães, primeiro na tentativa de operá-los, depois na busca de recuperá-los. Nosso primeiro sobrevivente tornou-se famoso. Após ser submetido à circulação extracorpórea, ter seu coração aberto, aquele cão parecia tão saudável como antes. Era nosso mascote. Andou conosco por todos os cantos do velho casarão da Sarmento Leite, inclusive na sala do Diretor da Faculdade, o Prof. Francisco de Castilhos Marques Pereira. Aliás, o entusiasmo do Prof. Chicão, como carinhosamente o chamávamos, foi ainda maior do que o nosso. Fez questão de fotografar-se conosco e com nosso paciente, publicando, após, matéria no Correio do Povo, o que nos acarretou a visita e as críticas da Dona Palmira Gobbi, Presidente da Associação Protetora dos Animais. O Prof. Chicão estimulou-nos de muitas formas. Seu sorriso amplo, sua simpatia natural, cativava os acadêmicos de medicina. Quando assumiu a Secretaria da Saúde, dividiu-se magistralmente entre os dois cargos. Foi um exemplo de cidadão e de médico. Por isso, ao assumir, anos mais tarde, a cadeira na Academia Riograndense de Medicina, que levava seu nome, enchi-me de satisfação, por tudo quanto aquele nome representava para mim.

Um dia, ficamos sabendo que Adib Jatene estava na cidade. Conhecíamos bem seu nome, sabíamos que era um cirurgião jovem de São Paulo, que se dedicava, no momento, à construção de um modelo de coração-pulmão artificial para circulação extracorpórea, o que, pelo baixo custo, viria viabilizar a cirurgia cardíaca brasileira. Fomos a uma de suas conferências na AMRIGS, situada ainda no prédio em frente à Prefeitura. Ao final, como estávamos repletos de dúvidas sobre o nosso equipamento de extracorpórea em fabricação, enchemos o Dr. Adib de perguntas, diante de uma platéia de clínicos e cirurgiões atônitos. Ao concluir, Jatene nos chamou, pediu para conhecer o Instituto de Fisiologia Experimental e a oficina mecânica, onde desenvolvíamos nosso coração-pulmão artificial. Passou dois dias conosco. Operou cães, torneou peças na oficina, organizou nosso sistema de extracorpórea. E nos conquistou definitivamente para o resto da vida. O Prof. Riet mencionava esta visita a cada conquista de Jatene, a cada notícia de jornal sobre sua exitosa trajetória profissional.

Anos dourados do velho casarão da Sarmento. Recordo, com saudade, as horas passadas no centro acadêmico entre infindáveis discussões abstratas e cafezinhos. Ou a observação longa e inútil do lento movimento das tartarugas nos tanques do Instituto de Fisiologia, correndo apostas sobre qual seria a primeira a emergir para respirar. Parece-me que aquelas foram as últimas horas maravilhosamente inúteis das nossas vidas. À medida que se aproximavam os últimos meses do curso médico, nosso livro de experimentos cuidadosamente preenchido pelo Jung já andava pelo cão de número 200, e nosso tempo já era escasso. O sonho ainda não acabara, mas também andava escasso. Foi assim que chegamos à formatura, em 1970, e às despedidas da velha casa de Sarmento Leite. Recordo-me vivamente do discurso de nosso orador, Tirteu Castro. Ele concluía da seguinte forma: "... Eu plantarei uma rosa do tamanho da lua na fina, na divina terra da vitória."

Saí, naquela noite, da Reitoria, de toga, beca, diploma e alguma frustração. Dirigi-me ao velho casarão para despedir-me. Fiquei a observá-lo atentamente na semi-obscuridade, cultivando a certeza de que dificilmente o tiraria da memória. Os seis anos que lá passei projetaram-se à minha frente como um longo filme de final feliz. Emocionado, respirei fundo como para trancar aquele momento no meu peito. Levantei a cabeça, com um sorriso nos lábios e olhar de vencer desafios... e parti para a vida a plantar rosas na fina terra da vitória.